



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i2.1497>



## Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO): produções, experiências e afetos

Suzana Ribeiro\*

ORCID iD 0000-0002-0310-0694

Universidade de Taubaté, Faculdade de Educação, Taubaté, Brasil

Marcela Boni\*

ORCID iD 0000-0003-0413-6231

Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, Brasil

Marta Gouveia de Oliveira Rovai\*

ORCID iD 0003-0769-0748

Universidade Federal de Alfenas, Departamento de História, Minas Gerais, Brasil

**Resumo:** A partir da motivação da comemoração dos 30 anos da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), o presente artigo pretende sistematizar e contribuir com uma narrativa sobre a história oral no Brasil, apresentando as contribuições dos pesquisadores do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP), tanto do ponto de vista da produção acadêmica viabilizada quanto da atuação em diálogo com outros espaços de produção de conhecimentos. O balanço aqui apresentado indica trabalhos realizados: publicações, minicursos, eventos e produtos digitais elaborados por seus membros, norteados pelas concepções de história oral em seus diferentes gêneros, colaboração, negociação, transcrição e devolução. Tais caminhos de pesquisa, fundamentações teóricas e práticas nortearam o fazer de um grupo de pesquisa nos últimos 33 anos, além de indicar alguns de seus modos de operar.

**Palavras-chave:** História Oral. Metodologia. Grupos de pesquisa. Neho-USP.

\* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta na Universidade de Taubaté (Uniau). E-mail: [suzana.ribeiro@gmail.com](mailto:suzana.ribeiro@gmail.com).

\* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora substituta na USP. E-mail: [marcela.boni@gmail.com](mailto:marcela.boni@gmail.com).

\* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora adjunta na Universidade Federal de Alfenas (Unifal). E-mail: [marta.rovai@unifal-mg.edu.br](mailto:marta.rovai@unifal-mg.edu.br).

### **Oral History Studies Center (NEHO): productions, experiences and affections**

**Abstract:** Based on the motivation of the celebration the 30th anniversary of the Brazilian Association of Oral History (ABHO), this article aims to systematize and contribute to a narrative about oral history in Brazil, presenting the contributions of researchers from the Center for Studies in Oral History (NEHO-USP), both from the point of view of the academic production made possible and of acting in dialogue with other spaces of knowledge production. The balance presented here indicates work carried out: publications, short courses, events and digital products created by its members guided by the concepts of oral history in its different genres, collaboration, negotiation, transcreation and return. These research paths, theoretical and practical foundations, have guided the work of a research group over the last 33 years, in addition to indicating some of its ways of operating.

**Keywords:** Oral History. Methodology. Research groups. Neho-USP.

### **Centro de Estudios de Historia Oral (NEHO): producciones, vivencias y afectos**

**Resumen:** Con la motivación de celebrar los 30 años de la Asociación Brasileña de Historia Oral (ABHO), este artículo tiene como objetivo sistematizar y contribuir a una narrativa sobre la historia oral en Brasil, presentando las contribuciones de investigadores del Centro de Estudios en Historia Oral (NEHO-USP), tanto desde el punto de vista de la producción académica posibilitada como de actuar en diálogo con otros espacios de producción de conocimiento. El balance aquí presentado indica el trabajo realizado: publicaciones, cursos cortos, eventos y productos digitales creados por sus integrantes guiados por los conceptos de historia oral en sus diferentes géneros, colaboración, negociación, transcreación y retorno. Estos caminos de investigación, fundamentos teóricos y prácticos, han guiado el trabajo de un grupo de investigación durante los últimos 33 años, además de indicar algunas de sus formas de operar.

**Palabras clave:** Historia Oral. Metodología. Grupos de investigación. Neho-USP.

## **Um início possível**

*O NEHO trouxe as margens ao centro da reflexão histórica.*

André Gattaz

A aproximação das comemorações das três décadas da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) traz à tona a própria trajetória da história oral no Brasil, que embora tenha suas origens na década de 1970, consolidou suas bases especialmente nos anos 1990. Se fora do país ela já tomava contornos desde a segunda metade da década de 1940, no Brasil, ela começa a aparecer de forma mais evidente no período da redemocratização. Para se fazer um breve histórico da história oral em nosso país, parece ser importante falar dos grupos ou instituições que se organizaram e mobilizaram,

junto a seus pesquisadores, os trabalhos que criaram um campo de pesquisa.

Assim, cabe contar sobre algumas iniciativas que, na década de 1970, abriram caminhos para a história oral. Dentre elas, destacam-se: Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP), em 1971; Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 1972; Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina (Labhoral-UFSC), em 1975; e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), em 1975. Este último merece destaque, posto que se consolidou nos anos seguintes como um centro de documentação e um grupo de formação de pesquisadores na área.

Com a expansão do uso da metodologia, grupos já constituídos passam a desenvolver trabalhos em história oral. É o caso do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU-USP), fundado em 1964; do Centro de Documentação e Informação Científica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo CEDIC/PUC-SP), fundado em 1980; o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI-UFF), fundado em 1982; e do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (CMU-Unicamp), fundado em 1985.

Destas instituições, destacam-se os nomes de pesquisadores fundadores da história oral brasileira como Aspásia Camargo, Verena Alberti e Marieta de Moraes Ferreira (CPDOC), Alice Beatriz da Silva Gordo Lang e Zeila de Brito Fabri Demartini (CERU), Yara Aun Houry (CEDIC) e Olga Rodrigues de Moraes von Simson (LAHO e CMU). A maior parte desses nomes constava na primeira Diretoria da ABHO (Biênio 1994-1996) ao lado de pesquisadores que, nos anos 1990, criaram seus próprios grupos de pesquisa nas universidades onde atuavam. Assim, desde aquele momento, era possível acompanhar debates importantes entre grupos nascidos em espaços universitários. Para além destes, um número cada vez maior de pesquisadores se dedicava a trabalhos que envolviam entrevistas e se debruçavam sobre reflexões teóricas e metodológicas, as quais acompanhavam a produção internacional.

A circulação de textos acerca do tema ao longo dos anos 1980 e início dos anos 1990, como é o caso do livro *A voz do passado* (1992), de Paul Thompson, que se tornou importante referência no Brasil, foi elemento que impulsionou ainda mais o diálogo entre docentes e estudantes de graduação e pós-graduação. Neste contexto, em 1991, no âmbito do Departamento de História da USP, segundo relato do professor José Carlos Sebe Bom Meihy: “Uma estudante de cabelos longos e bagunçados, rebelde evidente, que me acompanhava em atividades acadêmicas, simplesmente me intimou: o senhor precisa criar um grupo de estudos com a gente! Precisamos ter um núcleo de história oral e o senhor vai criá-lo!”

A estudante citada em meio a sorrisos pelo professor Sebe, como é carinhosamente chamado por suas centenas de alunos, é a professora Andrea Paula dos Santos Kamensky, que à época desenvolvia um trabalho com histórias orais de vida de mulheres negras das favelas, e atualmente é docente da Universidade Federal do ABC (UFABC), mas que

foi a primeira inspiração para a idealização do Núcleo de Estudos em História Oral da USP, o NEHO.

O NEHO surgiu pouco antes da formalização da Associação Brasileira de História Oral, que tinha como pressuposto reunir as iniciativas já existentes, além de promover e fomentar outros grupos e novas pesquisas. E, nesse sentido, pode-se afirmar que participou ativamente de sua criação, como atesta o engajamento de seus integrantes nos encontros e publicações que foram pontos de partida para essa fase do percurso da história oral brasileira. No caso dos eventos, ressaltamos o I Encontro Nacional de História Oral (1992), que deu origem à ABHO, em 1994; o I Encontro Regional Sudeste de História Oral (1995) e a X Conferência da International Oral History Association (IOHA), que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1998. Em relação à revista *História Oral*, seu primeiro número, de 1998, contou com a editoria de José Carlos Sebe Bom Meihy e a editoria adjunta de André Gattaz, ambos pertencentes ao NEHO.

O objetivo deste artigo é contribuir com a narrativa da história oral no Brasil, apresentando as contribuições dos pesquisadores do NEHO, tanto do ponto de vista da produção acadêmica viabilizada quanto da atuação em diálogo com outros espaços de produção de conhecimentos.

Destacando essa potência de diálogo, as autoras do artigo no momento de sua escrita pediram para seus colegas de núcleo escreverem sobre o significado do NEHO em suas vidas, entendendo que a voz dos pesquisadores e das pesquisadoras seria importante para a sistematização do balanço delineado. Nem todos responderam ao chamado, contudo, a fala dos que apresentaram suas reflexões parece indicar o impacto na vida acadêmica e pessoal desses sujeitos e foram selecionadas como epígrafes para o presente texto.

## A elaboração teórica a partir da prática de pesquisa

*O NEHO significou a dimensão humana que faltava no meu  
ofício de professor e historiador.*

Lourival dos Santos

*O NEHO foi fundamental em minha formação acadêmica e  
pessoal.  
Nele, aprendi a importância da escuta e da oralidade, o valor  
da palavra e o respeito pelo narrador.*

Marcel Tonini

Antes mesmo da criação do Núcleo, a elaboração e publicação do livro *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica* (Meihy, 1990) já esboçava em dois capítulos iniciais o que seriam reflexões basilares para o fazer da história oral praticada pelo grupo. Os textos indicavam a necessidade de estabelecer uma raiz forte e profunda no fazer das entrevistas de história de vida, embasado na antropologia, na linguística e na semiótica. Dentre tais trabalhos, destacam-se autores como Clifford Geertz (1989), Renato Rosaldo (1993; 2023) e Roland Barthes (1983). Orientados por essas referências, pesquisadores que se tornaram integrantes do NEHO experienciaram projetos que envolviam os métodos da história oral, sobretudo o seu coordenador, o professor Sebe.

Um primeiro trabalho a envolver vários pesquisadores foi coordenado e organizado pelos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, que assinaram *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994), livro que contava em cinco atos a saga da escritora. Primeiro, uma história “para Carolina”, depois histórias de Carolina apresentadas por meio das experiências de pessoas entrevistadas, uma terceira parte expunha dois textos de Carolina. A quarta parte do livro trazia um diálogo entre os olhares dos autores – um norte-americano e outro brasileiro –, que se amarravam no posfácio escrito por Marisa Lajolo.

Contudo, o trabalho de maior destaque, sob o ponto de vista de envolvimento de uma equipe de pesquisadores, nesse início, foi desenvolvido junto a grupos indígenas do povo Kaiowá e já contava com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação que atuavam sob a orientação do docente. O resultado do trabalho pode ser conferido no livro *Canto de morte Kaiowá*, publicado em 1991, pela Editora Loyola.

O impulso provocado pelo trabalho de campo foi responsável por iniciativas de cunho pedagógico, as quais se concretizaram na publicação de cinco edições do *Manual da História Oral* que, ao longo de uma década, foram gradativamente incorporando novas reflexões relacionadas às práticas de pesquisa (1ª edição 1996, 2ª edição 1998, 3ª edição 2000, 4ª edição 2002 e 5ª edição 2005). A cada edição, o livro foi ganhando páginas e reflexões, de maneira que, das questões técnicas passou-se para as mais teóricas, sempre de modo indicativo de caminhos e fazeres. Este Manual, ao longo do tempo, explorou a constituição e a análise da documentação oral para pesquisadores interessados na área. Suas edições tiveram impactos relevantes na divulgação da história oral enquanto um campo de estudos que, associado inicialmente a historiadores, avançou em direção a outras áreas, garantindo espaço para discussões acerca da interdisciplinaridade.

Cabe notar que o *Manual de História Oral*, escrito por Meihy, não foi o único do gênero. O primeiro foi publicado em 1990, escrito por Verena Alberti, intitulado *História oral: a experiência do CPDOC*, e trazia informações sobre como registrar e transcrever entrevistas; além disso, destacava-se na obra a experiência de um arquivo que sistematizava sua trajetória para um público maior. O texto revelava a experiência de um dos mais importantes projetos de história oral no Brasil. Uma segunda edição foi revista e atualizada, com o nome de *Manual de História Oral*, em 2004, e outras

depois disso. Cabe também mencionar o texto de Sônia Maria de Freitas, *História Oral: possibilidades e procedimentos*, publicado em 2002. Em especial, esse manual destacava fazeres relacionados à (re)construção de histórias de comunidades, sistematização de conhecimentos relacionados às experiências da autora que refletia sobre entrevistas, arquivamento e conservação. Importa dizer que cada um desses livros assumia posicionamentos específicos quanto aos procedimentos metodológicos, marcavam assim diferenças entre os grupos de pesquisa e as identidades desses fazeres.

A relação entre práticas de campo e reflexões teóricas ofereceu ao NEHO condições para a elaboração de uma definição própria de história oral, que foi sendo refinada ao longo dos trabalhos, mas que aparecia expressa da seguinte forma na primeira edição do *Manual de História Oral*:

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy, 1996, p. 15).

Esse conjunto de textos foi a base de orientação para uma série de projetos realizados no âmbito do NEHO em diferentes níveis acadêmicos, como atesta o aumento considerável do número de trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado, cujos parâmetros procedimentais se assentavam nos métodos da história oral. O mesmo pode ser dito no que se refere às temáticas, que contemplavam aspectos diversificados das realidades sócio-históricas. Assim, assuntos como: movimentos sociais, questões étnico-raciais, gênero, imigração, saúde, esporte, religiosidades, expressões artísticas, entre tantos outros, se somaram a um leque cada vez mais abrangente de discussões pautadas na realização de entrevistas segundo os métodos desenvolvidos por esse grupo.

A concepção de história oral enquanto projeto que lida com sujeitos/as, com a memória viva, ultrapassa a metodologia e a cristalização da oralidade em escrita; funda-se numa preocupação, desde sua fundação, com a história pública, como já mencionava Meihy em seu livro *Canto de morte Kaiowá* (1991), ao tratar do suicídio entre os indígenas da etnia, no Mato Grosso do Sul, muito antes do encontro na USP, quando o pesquisador apontava para o compromisso do historiador com o registro e a análise de seu próprio tempo, tão emaranhado de experiências diversas e de passados vivos e traumáticos. Preocupado em escutar, registrar e publicizar as memórias dos indígenas, ele defendia, naquele momento, uma história-escuta, uma história-denúncia, uma história-acolhimento; enfim, uma história pública de intervenção social em busca de políticas públicas de reparação.

Assim, as técnicas de história oral inauguram em nosso país um gênero até agora

pouco prezado, ainda que fundamentalmente importante – a história pública –, capaz de fazer veicular o saber em sua dimensão social mais ampla. A história oral, como tributária da história pública, se remete ao leitor comum, vigorando o princípio que privilegia o social como alvo do conhecimento. Porque no Brasil segmentos da população têm sido contemplados apenas pela documentação externa, produzida ‘sobre’ eles, qualquer nova proposta que se oriente em cortar o caminho disposto pelo ‘outro’, se mostra digna de consideração. Métodos e procedimentos de trabalho, contudo, merecem discussão, a fim de se esclarecer trajetões e explicar atitudes. Nessa conduta, aliás, reside o caráter público do procedimento da história oral (Meihy, 1991, p. 15).

Muitos estudos que se utilizaram da história oral, além de incorporar dissertações e teses às bibliotecas da Universidade de São Paulo, tiveram desdobramentos em publicações de livros e artigos, bem como em apresentações em eventos acadêmicos, ampliando os espaços de debates e a divulgação dos conhecimentos produzidos. Exemplos de destaque, nesses primórdios do grupo, foram os livros: *Ponto de vida: cidadania de mulheres faveladas* (Santos, 1996), *Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola* (Gattaz, 1996) e *Vozes da Marcha pela Terra* (Santos; Ribeiro; Meihy, 1998). O primeiro, traz a narrativa de seis mulheres que contavam da pobreza, de abandonos crônicos e se uniam em uma associação que homenageava Carolina Maria de Jesus. Em suas narrativas, inventavam lembranças e reescreviam a história dando sentido à obra e à luta de muitas Carolinas. O trabalho de Gattaz foi tecido a partir de oito entrevistas (cinco homens e três mulheres), abordando questões da história da Espanha desde a Guerra Civil, de modo a trazer narrativas de perseguição da utopia, de visões de uma sociedade mais justa e igualitária. Por fim, o terceiro livro reuniu 16 histórias de vida de pessoas que participaram da Marcha Nacional da Reforma Agrária, Emprego e Justiça, que chegou a Brasília em abril de 1997, publicizando dramas e conquistas, alegrias e tristezas, coragem e medos de pessoas que fizeram de suas vidas a luta pela reforma agrária. Esse livro também acabou por ampliar a discussão e o envolvimento de outros pesquisadores como Lourival dos Santos, Cássia Nunes e Xênia Barbosa com movimentos sociais e lutas de povos do campo e da floresta.

Importa dizer que uma marca inicial do NEHO foi a realização de discussões coletivas, de maneira que abrigou o desenvolvimento de diversos projetos de pesquisa individuais e coletivos a partir de projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado de estudantes de todo o Brasil. Foram mais de 300 dissertações e teses defendidas, em boa parte digitalizadas e disponíveis *on-line*, além de artigos e capítulos de livros, assim como vídeos-documentários (Almeida; Anjos, 2008) e eventos acadêmicos.

Deste modo, mais do que publicações, a questão da história pública, em diálogo constante com as pessoas e coletivos, reforçava um trabalho comprometido com o debate público e com as políticas públicas em defesa da delicadeza da vida, tais como a negociação com mulheres, mães de jovens infratores, ou que vivenciaram a experiência

traumática do aborto, como foi a prática nos trabalhos de Marcela Boni (2015, 2021); a pesquisa coletiva desenvolvida com a comunidade LGBTQIAPN+, no sul de Minas Gerais, por Marta Rovai (2022, 2024), e que alargou espaços de atuação política; os vídeos produzidos por Juniele Rabêlo de Almeida com docentes durante a pandemia, ou ainda as implicações sociais do trabalho junto à comunidade de imigrantes (Samira Adel Osman, Vanessa Generoso Paes), de religiosos (Natanael Francisco de Souza), mestres de capoeira (Maurício Barros de Castro), idosos (Vanessa Rojas), intelectuais perseguidos pela ditadura militar (Glauber Cícero Biazio), perpetradores políticos (Maria Aparecida Blaz e Gustavo Esteves Lopes), soldados brasileiros (Alfredo Oscar Salum), trabalhadores rurais (Cássia Milena Munes), jogadores de futebol negros (Marcel Diego Tonini), pessoas transgêneras (Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho) e indígenas (Márcia Mura e Letycia Payaya).

## Uma formação integral: convívios, confluências e diversidades

*O NEHO-USP é um espaço de formação integral e de convívio intergeracional e em meio à diversidade de pessoas e grupos.*

*Para mim e para muitos da minha geração, significou o auge do início da redemocratização do espaço acadêmico.*

Andrea Paula Kamensky

*O NEHO foi o espaço afetivo no qual aprendi a fazer pesquisa empírica com sensibilidade e foi o lugar de acolhimento e trocas de saberes.*

Vanessa Generoso Paes

A preocupação com o compartilhamento dos saberes produzidos sempre foi central para o Núcleo de Estudos de História Oral. Tendo o Departamento de História da USP como seu espaço oficial, além da oferta de disciplinas obrigatórias e optativas que contemplavam o tema, foi sendo construído um ambiente de trocas e formação a partir de um grupo de estudos. Exemplos de disciplinas nesses moldes foram oferecidas: em 1997, “Metodologia de Pesquisa” e, em 2002, “História da Cultura II”, cujos programas versavam integralmente sobre os processos de pesquisa da história oral.

Reuniões de discentes e docentes passaram a compor o cenário do grupo com o objetivo de discutir textos clássicos e inéditos, além de promover a interlocução sobre os projetos desenvolvidos por pesquisadores de dentro e de fora do NEHO. Assim, o

grupo começou a organizar programas de formação e cursos de extensão. Nesses cursos, as principais discussões e conceitos relativos à história oral foram compartilhados e submetidos ao debate e ao exercício de pesquisa, tais como os gêneros de história oral (de vida, temática, tradição oral e testemunhal), a colaboração, a transcrição, a negociação e a devolução (Meihy, 2005).

Como exemplo dessas investidas, o curso de extensão realizado em 2008 foi intitulado “História oral: como fazer, como pensar”, e se envolveram como ministrantes os seguintes pesquisadores: Cássia Milena Nunes, José Carlos Sebe Bom Meihy, Juniele Rabêlo de Almeida, Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim, Maurício Barros de Castro, Ricardo Santhiago, Samira Adel Osman e Suzana Lopes Salgado Ribeiro. No programa datado de 2011, apresentavam-se para leitura e discussão os textos de pesquisadores da “casa” como Juniele R. Almeida (2008), Marcela Boni Evangelista (2010) e Maria Carolina Cassati Digiampietri (2009), assim como de inspirações e referências para o trabalho em história oral “de fora”, como Ronald Grele (2009), Ecléa Bosi (2003), Lucília de Almeida Neves Delgado (2006), Marieta Ferreira (1996) e Alberto Lins Caldas (1999) e Verena Alberti (2004). Naquele ano as discussões foram ministradas por Marcel Diego Tonini, Leandro Seawrighth Alonso, Cássia Milena Nunes Oliveira, Marcela Boni Evangelista, Marta Rovai, Eduardo Meinberg, Suzana Ribeiro, Vanessa Generoso Paes, Fabíola Holanda e Vanessa Paola Rojas. Contudo é preciso notar que este é apenas um recorte, um semestre de formação, e que tal movimento de discussões e debates em torno da história oral se desenrola ano a ano baseado nessas e em outras leituras como: Philippe Joutard (1983), Paul Thompson (1992), Jan Vansina (1985), Daphne Patai (1988), Alessandro Portelli (1997), Marieta de Moraes Ferreira (1996), Antônio Torres Montenegro (1992), Olga Rodrigues de Moraes von Simson (1997), Yara Dulce Bandeira Ataíde (1993), dentre tantos outros.

O que, inicialmente, se constituía como um grupo exclusivamente de orientandos, passou a receber pessoas de outros nichos, inclusive não acadêmicos, mas que tinham interesse em desenvolver estudos e propostas com base metodológica da história oral. Em seus muitos trabalhos, o NEHO desenvolveu ideias e práticas de elaboração de conhecimento posicionado, comprometido com o diálogo e com a construção de uma sociedade mais diversa e democrática. Em sua trajetória coletiva, seus membros compartilharam trabalhos cujas temáticas foram perpassadas pela escuta atenta e sensível de comunidades diversas: militantes comunistas; mães de jovens infratores; tradição oral de indígenas; imigrantes espanhóis, árabes, libanesas chilenos e bolivianos; judeus em São Paulo; operários/as; mulheres sob a ditadura; nordestinos/as na Amazônia; soldados brasileiros no exército estadunidense; sambistas; militantes guerrilheiros/as; perpetradores; prostitutas; jogadores/as de futebol; militantes de direita (neonazistas e Comando de Caça aos Comunistas); religiosos/as protestantes, católicos/as; fiéis de religiões de matriz-africana; e intelectuais. Uma forma cada vez mais ampliada de dar escuta e de contribuir para o registro e a amplificação de debates acerca da história do

tempo presente, da memória coletiva e dos direitos humanos em sua pluralidade.

Ficava cada vez mais claro um lema compartilhado entre os integrantes de que “O NEHO deve fazer o que os outros grupos não estão fazendo”. Desta forma, ampliar o escopo das atividades foi um efeito natural da popularização da história oral de modo geral, mas também do entendimento de que a Academia deveria oferecer uma formação extensionista, o que se concretizou em consultorias e coordenações de projetos de memória em diferentes lugares, como na gravação de entrevistas iniciais relacionadas ao Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP ou na sistematização de um livro comemorativo dos 75 anos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), lembrando sua história inicial como Escola Paulista de Medicina (Gallian, 2008).

Os próprios textos de base, como as edições dos manuais, foram sendo revisitados e, com isso, novas publicações em coautoria demonstraram o alcance tomado pela história oral e a necessidade de ir além da execução de projetos com entrevistas. Era necessário também registrar as formas de pensar essas práticas. Assim, foram produzidos os livros *História Oral: como fazer, como pensar*, de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda, e *Guia prático de História Oral*, de José Carlos Sebe Bom Meihy e Suzana Lopes Salgado Ribeiro, publicados pela Editora Contexto, respectivamente em 2007 e 2011.

A partir da primeira década dos anos 2000, novas gerações de estudantes passaram a ser formadas no âmbito desse grupo de estudos, que por alguns anos manteve um projeto de estágio no qual graduandos realizavam atividades junto ao NEHO, enquanto tinham como contrapartida uma formação inicial em história oral. Nessa mesma fase, com o aumento da dimensão alcançada pelas atividades do grupo e mesmo de seus membros, foi idealizada uma publicação própria, a *Oralidades* – Revista de História Oral. O periódico contou com 14 números, todos disponíveis no portal do Diversitas (USP) e no Digital Plural da Universidade Federal do ABC (UFABC). A ideia de publicar um periódico científico, entretanto, não iniciou aí, dois números de uma primeira publicação intitulada NEHO-História, iniciaram a realização desse sonho.

Além disso, o NEHO realizou uma série de atividades acadêmicas, como minicursos, encontros, palestras e lançamentos de publicações, sempre envolvendo seus integrantes, ao mesmo tempo em que buscava atender à crescente demanda de estudantes e profissionais interessados nos procedimentos da história oral. Nessa direção, destaca-se a realização dos Encontros Anuais NEHO-USP. Em 2008, o evento enfrentou a discussão sobre “Desafios e perspectivas”, realizando palestras, mesas redondas e seis eixos transversais, a saber: Teoria e Metodologia da História Oral; Imigração; História Oral Empresarial; Tradição Oral; Movimentos Sociais; e Gênero. Um ano depois, foi a hora de celebrar a “Jornada NEHO 18 anos”. Em 2010, o Seminário abraçou a temática “Conhecimento, compreensão e memória: experiências em história oral e cine-documentário”. Em 2011, aconteceram muitos eventos. As discussões ganharam força e passaram a integrar o núcleo graduandos interessados em história oral, compondo

um Grupo de Formação (2011). Assim, foi organizado o seminário “Histórias de vida: sensibilidades e reflexões na contemporaneidade. O NEHO no Dia Internacional das histórias de vida”. E no evento anual, com “sangue novo” e duas décadas de história, o núcleo pôde celebrar seu aniversário organizando um grande evento “NEHO 20 anos: história oral, identidade e compromisso” (2011).

Em 2012, foi realizado o Ciclo de debates em história oral na América Latina e a oficina “Oralidades e performances na cultura digital”; em 2013, o Seminário Internacional Conhecimentos Compartilhados; em 2014, o evento intitulado “História Oral: a costura de conhecimentos”. “Vidas da história oral de vida: o que temos a ver com isso?”, foi a oportunidade de celebrar o Dia Internacional das Histórias de Vida, em 14 de maio de 2015. Os eventos anuais, aconteciam geralmente no final do ano, de maneira que os pesquisadores mais antigos, que já estavam em universidades espalhadas pelo país pudessem participar. Cabe ressaltar que no ano de 2019, o encontro enfrentou a temática da “História Oral aplicada”, apresentando a discussão que tomaria corpo na publicação do livro *Memórias e narrativas: história oral aplicada* (Meihy; Alonso, 2020). Nos anos seguintes, o evento ocorreu de forma remota, sendo que palestras e mesas redondas podem ser encontradas no canal *NEHO em Rede*, no YouTube.<sup>1</sup>

## O NEHO ganha o Brasil

*O NEHO é um espaço que possibilitou construir caminhos  
para que eu desse  
passos para efetivar uma tradição oral na perspectiva indígena.*  
Márcia Mura

Importa dizer que nessa trajetória, o Núcleo sai da Universidade de São Paulo e ganha o Brasil. De norte a sul, professores de diferentes faculdades que tiveram sua formação inicial no âmbito do NEHO-USP levaram consigo esse legado, formando o que hoje denominamos Rede NEHO, cujos trabalhos e pesquisadores encontram-se reunidos, ao menos parcialmente, na plataforma Digital Plural.<sup>2</sup> Isso porque, nessa trajetória, desde 2018, a Rede NEHO conta com um *site* colaborativo e uma rede social de aprendizagem, sediada no servidor da Universidade Federal do ABC, organizados por Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky, Suzana Lopes Salgado Ribeiro e Marcela Boni Evangelista. Ali encontram-se alguns conceitos básicos que deram início

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC509pFKliuHHJNjGfjvjqxw>. Acesso em: 18 ago. 2024.

2 Disponível em: <https://cursos.ufabc.edu.br/digitalplural/rede-neho/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

a um protótipo do Dicionário *on-line*, todas as edições anteriores da revista *Oralidades*, referências de livros, dissertações, teses, artigos e textos e o perfil de pesquisadoras/es do nosso grupo de pesquisa, com *links* para contato e Currículo Lattes. A concepção da plataforma é possibilitar a qualquer pessoa cadastrada na comunidade postar conteúdos, possibilitando a formação de um repositório em diversas linguagens hibridizadas e não hierarquizadas na cultura digital.

Diversos grupos de pesquisas e estudos foram fundados por esses professores e pesquisadores, ao mesmo tempo em que, mesmo ingressando em agremiações já existentes, passaram a contribuir com as discussões relativas aos procedimentos da história oral, cujas origens se deram no NEHO. Grupos como o “NEHO em Rede” (MS), coordenado por Lourival dos Santos, atuam em comunidades quilombolas e grupos de capoeira no Mato Grosso do Sul; com mulheres seringalistas no Acre, como a pesquisadora Vanessa Generoso; com comunidade de pescadores no Rio de Janeiro, trabalho feito por Juniele Rabêlo de Almeida; ou ainda com indígenas, como é o caso de Leandro Seawright Alonso, na cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul; Glauber Biazo, com trabalhadores no Amazonas; e Márcia Mura, militante indígena que procura romper, com sua luta em Rondônia, as fronteiras entre a Academia e as militâncias por direitos humanos e respeito à diversidade.

Muitos livros e artigos foram publicados a partir desses pressupostos. É relevante dizer que esses docentes são, agora, responsáveis pela formação de novas gerações de pesquisadores em história oral, mas que mantêm relações com leituras feitas desde o início dos anos 1990, assim como a vontade de conviver e respeitar as diferenças, a motivação de produzir conhecimento a partir de narrativas registradas por pesquisas e a possibilidade de produção conjunta de conhecimento. Entre elas, destacamos a escrita coletiva do livro *História oral: a democracia das vozes* (2019), pelo qual diferentes pesquisadores e pesquisadoras do NEHO compartilharam seus estudos em espaços e com sujeitos plurais, reafirmando o compromisso com a democracia e com a escuta dos grupos vulnerabilizados, mas potentes politicamente.

Outros trabalhos importantes foram: o Projeto Carpintaria de História Oral com a Trupe Sinhá Zózima (2012-2018), com a formação de atrizes e atores do grupo teatral para realização de entrevistas com passageiros de ônibus, que resultou em diversos espetáculos teatrais, documentário e publicações; o Projeto Direitos Humanos, Gênero e Diversidade na Escola (2016), diários e entrevistas com professoras/es, gestoras/es, tutoras/es e estudantes do curso de formação continuada Gênero e Diversidade na Escola – Prefeitura de São Paulo/Ministério da Cultura (MEC) /UFABC –, que resultou na disponibilização de uma série de 12 livros impressos e *e-books*, um documentário, cerca de 60 entrevistas num canal do YouTube, disponíveis na plataforma Digital Plural. Tais iniciativas encontram-se em continuidade nos cursos realizados nas férias de janeiro e julho no Encontro USP Escola.

Em 2022, junto à comunidade de travestis e mulheres trans no sul de Minas

Gerais, a pesquisadora Marta Rovai desenvolveu, de forma participativa e dialógica, um trabalho que não apenas teve como produto um livro, elaborado de forma coletiva com as narradoras e debatido no espaço da Câmara de Vereadores da cidade de Alfenas, mas outras formas de publicização, como inspirou e orientou a produção de dois filmes exibidos publicamente no teatro (*Potência Trans* e *O interior do Meu País: política LGBTI+*, 2024). Convites feitos às mulheres/feminilidades que participaram do processo para atuarem em projetos na universidade se ampliaram, transformando concepções e práticas acadêmicas. Também entre 2022 e 2024, um projeto intitulado AMHOR (Acervo de Memória e História do Orgulho LGBTQIAPN+ no Sul de Minas Gerais)<sup>3</sup> tem envolvido discentes, em sua maioria LGBTQs, na produção de um livro coletivo, de exposições museais e na criação de um acervo virtual de história oral com esta comunidade. História oral e pública orientadas pela ideia de colaboração, negociação e devolução são pensadas como elementos centrais de uma prática metodológica e política posicionada e comprometida com a diversidade (Meihy, 1991; Rovai, 2022, 2024).

## A pandemia e os desafios da produção

*O NEHO foi o espaço onde construí minha identidade acadêmica, o lugar dos meus maiores afetos!*

Fabiola Holanda

Durante a pandemia, a rede de pesquisadores que compõem o Núcleo de Estudos em História Oral se mobilizou para organizar dois Ciclos de *Lives*. No primeiro, pudemos reencontrar os pesquisadores e atualizar as reflexões referentes às pesquisas que estavam sendo desenvolvidas naquele momento por eles. No segundo, mais uma vez, foi possível compor um conjunto de conhecimentos sobre os procedimentos operados pelo Núcleo, de forma a disponibilizar referenciais para quem tem vontade de ingressar no mundo da história oral. Essas gravações hoje estão disponíveis no canal do YouTube do “NEHO em rede”.

A união dos pesquisadores fez com que, neste momento de tanta dificuldade, fosse possível disponibilizar e ministrar cursos, retomando projetos coletivos como o de gênero e diversidade por meio da plataforma Digital Plural, além de organizar livros que contavam a experiência de mulheres no período da pandemia. A prática de uma história oral, por meios digitais, também passou a ser um grande desafio para

---

3 Para saber mais, visite o perfil do projeto no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/acervoamhor/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

a realização de entrevistas, considerando a dificuldade – e também os ganhos – do formato remoto.

Entre 2020 e 2021, a pesquisadora Juniele Rabêlo desenvolveu pesquisa com docentes de escolas públicas e a Universidade Federal Fluminense (UFF), a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), contribuindo para compartilhar as experiências traumáticas, mas também de resistência de educadores no Rio de Janeiro, marcados pelas afetações da pandemia do Covid-19 – Rede Trajetórias Docentes (entrevistas públicas com professores de História).<sup>4</sup> Assim como ela, Marta Rovai construiu, com discentes da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), um arquivo de histórias orais de professores na cidade de Alfenas – Diário Virtual: memórias da pandemia.<sup>5</sup> Em ambos os casos, as entrevistas ouvidas e registradas compuseram a elaboração de um acervo, colaborando para a reflexão acerca do impacto subjetivo e social do isolamento e das perdas humanas na educação.

É importante frisar que essas práticas proporcionam possíveis diálogos, aproximações e afetações que realizam a democratização do acesso e a construção de acervos históricos da pandemia, além de reflexões que envolvem a história pública, a história digital e a inserção de dados em espaços públicos virtuais atravessados por uma postura ética. Os Diários Virtuais, que foram criados em vários lugares do país, além de documentar e preservar os relatos num arquivo de fácil acesso, possibilitam (re)conhecer experiências individuais e coletivas que acabam por compor uma escrita coletiva do período de isolamento social.

O NEHO também organizou um aplicativo, em que as pessoas pudessem compartilhar suas histórias, naquele período de tanta tensão. A proposta do aplicativo surgiu frente ao panorama recente da cultura digital e da inovação social em educação e considerando os hábitos de aprendizado das novas gerações que, inclusive, apresentam pesquisas com a mediação de novos recursos, como os aplicativos de mensagens (WhatsApp, Telegram, Messenger) e de redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter, YouTube), entre outros. O aplicativo ainda se apresenta como sonho, mas que é sonhado junto e desejamos que seja realidade.

## O NEHO e sua história oral

*O NEHO foi minha mais completa experiência pedagógica!*

José Carlos Sebe Bom Meihy

*O NEHO transmutou o meu olhar historiográfico das pastas do*

4 Disponível em: <https://youtube.com/@trajetoriasdocentes5225?feature=shared>. Acesso em: 18 ago. 2024.

5 Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/lhp/diario-virtual/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

*ensino de História*

*e me mostrou o caminhar na magia das narrativas, das histórias de vida, da tradição oral,*

*abrindo espaço para a memória espiritual, cultural e subjetiva.*

Letícia Payayá

Ao longo de sua história, a história oral, para o NEHO, foi se consolidando como uma área da produção do “conhecimento do sensível” e de “histórias afetivas” diferenciando e diversificando seus modos de ser. Trabalhos acadêmicos produzidos por pesquisadores ligados a essa história são feitos com rigor, mas não necessariamente seguem normas fixas. Mesmo porque, como dito, coexistem diversos grupos que assumem seus procedimentos de maneira a ampliar e complexificar esse cenário.

Assim, essa história ainda está sendo construída e é campo de disputa. Mas há pontos de consenso constituídos. Os pesquisadores que passaram pelo NEHO se dedicam a seu exercício de forma articulada, destacando a necessidade de organização de um projeto para o registro das entrevistas. Para a elaboração desse projeto, define-se qual o grupo será contemplado, quantos serão entrevistados, qual a abordagem será utilizada de forma a definir que tipo de perguntas serão feitas.

Esse grupo de pesquisadores também indica seus temas baseados nas histórias de “pessoas comuns”, de maneira a alargar o espaço público democrático a partir da escuta das vozes dos sujeitos escolhidos e do registro de experiências culturais únicas, valorizando as experiências narradas, de modo que suas preocupações são promover o contato, e não o controle, com os saberes e com os sujeitos.

Neste processo de produção, parece ser consenso entre os pesquisadores da linha do NEHO que a intersubjetividade é elemento central para o registro das narrativas sobre experiências e memórias. Os trabalhos são construídos, em maior ou menor escala, em parceria ou colaboração com os entrevistados. É comum nas pesquisas produzidas buscarem-se resultados que respondam a demandas das comunidades estudadas, marcando a importância de que os resultados retornem, de alguma forma, para as comunidades que os geraram e que elas possam, se quiserem, se apropriar e dar-lhes outros significados. Desencadeia-se, portanto, um processo de mediação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado. Novos papéis são desenhados, para um e para outro.

A história da história oral que vem sendo praticada pelo NEHO, tem uma grande relação com a História, pois é deste campo disciplinar que vem a formação da maior parte dos integrantes do Núcleo. Contudo, ao longo desses anos de caminhada, o diálogo estabelecido internamente pluralizou e transcendeu áreas. Evidente que,

neste movimento abrangente, encontrou diferentes pesquisadores oriundos de outros campos do saber que compartilham o fazer da construção da memória e do registro das narrativas. Portanto, a história oral “do NEHO” é o resultado de uma matriz de trabalho metodológico de contribuições plurais e convergência interdisciplinar. Em linhas gerais, pode-se dizer que esta história oral se firmou como campo interdisciplinar da produção de conhecimento, entendido aqui como produto de uma atividade reflexiva e processo de construção que estabelece relação entre sujeitos.

A partir destas reflexões, pode-se dizer que a história oral que vem sendo praticada no NEHO não é exclusiva ao campo da História, mas inter/multidisciplinar. Nossos principais referenciais continuam sendo críticos literários, historiadores, antropólogos, sociólogos, o que marca o surgimento de uma área de estudos que, talvez, tenha na falta de fronteiras definidas a sua força, a sua potência de diálogo e seu veio plural, democrático, público e diverso.

## Referências

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ANJOS, Carlos Versiani dos; LIMA, Juliana Duran. Um horizonte no lixo e nas letras: entrevista com Eliusa Mara de Carvalho. *Oralidades*, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 177-181, 2008.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira. *Decifra-me ou devoro-te: história oral de vida de meninos de rua de Salvador*. São Paulo: Loyola, 1993.
- BARTHES, Roland. Authors and writers. In: SONTAG, Susan. *A Barthes reader*. Nova York: Hill and Wang, 1983. p. 141-160.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em história oral. *NEHO-História*, São Paulo, n. 1, p. 71-79, 1999.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, o tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DIGIAMPIETRI, Maria Carolina Casati. Uma proposta não prosaica de apresentação de narrativas orais. *Oralidades*, São Paulo, ano 3, n. 6, p. 175-196, 2009.
- EVANGELISTA, Marcela Boni. A transcrição em história oral e a insuficiência da entrevista. *Oralidades*, São Paulo, ano 4, n. 7, p. 169-182, 2010.
- EVANGELISTA, Marcela Boni. *O aborto na vida: experiências femininas*. São Paulo: Pontocom, 2021.

EVANGELISTA, Marcela Boni. *Padecer no paraíso?* Experiências de mães de jovens em conflito com a lei. Salvador: Editora Pontocom, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FREITAS, Sônia Maria de. *Possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GALLIAN, Dante Marcello Caramonte. *75 X 75: EPM/Unifesp, uma história, 75 vidas*. São Paulo: Editora Unifesp, 2008.

GATTAZ, André Castanheira. *Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.

GATTAZ, André Castanheira; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. (Org.) *História oral: a democracia das vozes*. São Paulo: Pontocom, 2019.

GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós, 1989.

GRELE, Ronald. O que é uma “boa” entrevista? *Oralidades*, São Paulo, n. 6, p. 217-225, 2009.

JOUTARD, Philippe. *Esas vocês que llegan del pasado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual da história oral*. São Paulo: Loyola, 1996, 1998, 2000, 2002 e 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; ALONSO, Leandro Seawright. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

PATAI, Daphne. *Brazilian women speak: contemporary life stories*. London: Library of Congress, 1988.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

ROSALDO, Renato. *Culture & truth: the remaking of social analysis*. Boston: Beacon Press, 1993.

ROSALDO, Renato. From the door of his tent: the fieldworker and the inquisitor. *In:*

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Org.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Los Angeles: University of California Press, 2023. p. 77-97.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Celebrando o orgulho: 24 anos de lutas e conquistas do Movimento Gay de Alfenas*. Teresina: Cancioneiro, 2024.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Sob nossa pele e com nossas vozes: feminilidades do sulmineiro*. Teresina: Cancioneiro, 2022.

SANTOS, Andrea Paula dos. *Ponto de vida: cidadania de mulheres faveladas*. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTOS, Andrea Paula dos; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Voices da marcha pela terra*. São Paulo: Loyola, 1998.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. *Oral tradition as history*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

Recebido em 20/06/2024

Versão final reapresentada em 22/07/2024

Aprovado em 26/08/2024

**Contribuições das autoras:** Ribeiro, Evangelista e Rovai: análise de dados e redação.

**Fonte de financiamento:** nada a declarar

**Conflito de interesses:** nada a declarar